

NEM BRANCOS, NEM NEGROS. A REPRESENTAÇÃO  
DOS «AMARELOS» EM CARICATURAS DO JORNAL  
*ECHOS D'AFRIQUE NOIRE*

NEITHER WHITE NOR BLACK. THE  
REPRESENTATION OF THE «AMARELOS» IN THE  
CARTOONS OF THE MAGAZINE *ECHOS*  
*D'AFRIQUE NOIRE*

Silvio Marcus de Souza Correa\*

**Resumo**

Depois da Segunda Guerra Mundial, um jornal satírico e humorístico entrou em circulação na África Ocidental Francesa (AOF). Primeiramente conhecido como *Echos Guinéens* (1946), o semanário passou a ser chamado *Les Echos d'Afrique noire*. De 1947 até a sua morte em dezembro de 1960, o redator chefe do jornal, o francês Maurice Voisin, fez uma campanha difamatória contra a imigração sírio-libanesa na AOF. Além de muitos artigos contra os chamados «Levantinos» ou «Amarelos», o jornal publicou dezenas de caricaturas sobre esta minoria. Nem Brancos, nem Negros, os Sírio-Libaneses ficaram numa zona gris, suspeita e perigosa, conforme o semanário de Maurice Voisin. No presente artigo é abordada as representações dos «Amarelos» através das imagens satíricas do hebdomadário *Les Echos d'Afrique noire*. Demonstra-se como as caricaturas contribuíram para o estigma dos sírio-libaneses na sociedade colonial da AOF.

**Palavras-chave:** Colonialismo francês / imigração sírio-libanesa / caricaturas

---

\* Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e coordenador do laboratório de estudos de história da África (LEHAf). Este artigo é resultado parcial de uma pesquisa realizada nos fundos da biblioteca do IFAN da Universidade Cheikh Anta Diop de Dacar e com apoio do CNPq e do Instituto de Estudos Avançados de Paris.

### **Abstract**

The aim of this paper is to analyze the cartoons against the Syrian-Lebanese from the newspaper *Echos d'Afrique noire* ran from 1947-1961 in the French West Africa (FWA). Born as *Echos Guinéens* (1946), the newspaper change to *Les Echos d'Afrique noire* one year later. From 1947 until his death in December 1960, the newspaper's editor, Maurice Voisin, made a defamation campaign against the Syrian-Lebanese immigration in the FWA. Besides a lot of articles against so-called «Levantines» or «Yellows», the newspaper published many cartoons about this minority. Neither White nor Black, the Syrian-Lebanese were set in a suspicion and danger zone by the newspapers from Maurice Voisin. The purpose of this paper is to describe the representations of «Yellows» through the satirical images of the weekly *Les Echos d'Afrique noire*. It shows up as the cartoons contributed to the stigma of the Syrian-Lebanese in FWA' colonial society.

**Keywords:** Africa / French colonialism / Syrian-Lebanese immigration / cartoons

[Recibido: 27/08/2015 - Aceptado: 03/10/2015]

## **A presença sírio-libanesa na África Ocidental Francesa (AOF)**

A presença de grupos «orientais» no continente africano tem sido omitida ou simplesmente obliterada por estudos centrados em categorias binárias como europeus e africanos ou brancos e negros. A historiografia tem, no entanto, oferecido uma visão menos monocromática da sociedade colonial da África Ocidental Francesa (AOF).

Sobre os sírio-libaneses na AOF, algumas contribuições mais ou menos recentes (Arsan, 2014; Keese, 2005; Kojok, 2002) vêm a somar com trabalhos anteriores (Bierwirth, 1999; Booumedouha, 1987; Charbonneau, 1968, Winder, 1962). Estes trabalhos sobre os sírio-libaneses na África ocidental têm uma interface com aqueles sobre os indianos na África oriental (Remtula 1974, Pereira Leite Jr., 2001), pois ambos os grupos apresentam similaridades enquanto comunidades intermediárias na sociedade e na economia colonial.

As permutas afro-asiáticas remontam às antigas civilizações. Na África subsaariana, alguns levantinos podem ter se imiscuídos entre as cáfilas que atravessavam o deserto, garantindo o comércio com o Egito e o Oriente Médio. Com o estiolamento do império turco-otomano na África setentrional e a consolidação do imperialismo e colonialismo europeus sobre o continente

africano, a migração de sírios e libaneses aumentou, sobretudo depois da Primeira Grande Guerra. Em janeiro de 1918, o jornal *Le petit Sénégalais* afirmou que a AOF estava sendo «invadida» pelos Sírios que chegavam em grande número. Mesmo não chegando a um milhar nas primeiras décadas do século XX, os sírio-libaneses representam mais da metade da população estrangeira na AOF (Labaki, 1993, p.91). Os sírio-libaneses também ultrapassam as fronteiras da AOF. Em meados de 1919, registraram-se ataques contra os comerciantes levantinos estabelecidos em Serra Leoa. Estes últimos foram acusados de provocar a escassez de víveres pela suposta estratégia de armazenamento e posterior venda dos alimentos com ágio. Eram, igualmente, acusados de concorrência desigual com os comerciantes nativos (Boahen, 1978: 730). O aumento de comerciantes libaneses nos anos 1920 e 1930 teria favorecido o seu domínio sobre a maior parte do comércio varejista da Libéria (Akpan, 1978: 851).

Nas colônias britânicas e francesas, uma certa aversão aos levantinos foi expressa em jornais locais e/ou em manifestações populares, inclusive organizadas por sindicatos de trabalhadores africanos. No entanto, a xenofobia não arrefeceu a imigração levantina. Em 1938, quase 3.000 libaneses residem no Senegal, sendo que mil deles se concentram em Dacar, onde eles detêm 75% dos estabelecimentos comerciais (Labaki, 1993: 99).

Na AOF, a imigração sírio-libanesa havia se intensificado durante o mandato francês na Síria e no Líbano entre 1920 e 1946. Com a eclosão da Segunda Grande Guerra, outros grupos de imigrantes chegam ao continente africano, como os refugiados gregos no Congo belga. Entre 1942 e 1945, 2.800 gregos foram repartidos entre as províncias de Kivu, Katanga, Stanleyville e Ruanda-Burundi (*La Revue Coloniale Belge*, Bruxelles, 01/02/1950, N.104, p.93). No *post bellum*, milhares de sírio-libaneses se instalaram na AOF, onde não tardou para a imigração «levantina» ser alvo de uma campanha difamatória.

### **O jornal *Echos d'Afrique noire* e sua campanha contra os «amarelos»**

A trajetória do jornal *Echos d'Afrique noire* quase se confunde com as últimas décadas de vida do seu redator-chefe, o francês Maurice Voisin. Fundado em 1946 e inicialmente chamado de *Echos Africains*, o jornal mudou seu título e subtítulo mas foi o mesmo cavalo de batalha do jornalista Maurice por 15 anos. O jornal era – como informa o seu primeiro subtítulo – satírico, humorístico e francês. Posteriormente, o jornal teve outros subtítulos como «o hebdomadário da verdade» e «o hebdomadário da fraternidade franco-africana».

Cabe ressaltar que nenhum outro jornal do Senegal havia até então uma linha editorial satírica ou humorística.

O semanário satírico, humorístico e francês se classificava como o jornal de maior circulação na África Ocidental Francesa. Segundo cálculos do próprio editor, o jornal alcançava mais de 100.000 leitores com a sua tiragem entre 15 a 20.000 no final da década de 1950. O jornal obtinha seu financiamento basicamente de assinaturas e anúncios.

A concorrência entre os jornais na AOF era acirrada, pois o número de leitores era diminuto. No entanto, as clivagens sociais, étnicas e religiosas favoreciam a diversidade da imprensa periódica. *Les Échos d'Afrique noire* foi um jornal destinado para um leitorado de colonos franceses, sem muita instrução e recursos e cuja sorte fora lançada na AOF. Tratava-se de um grupo com inconsistência de status, pois se tinha a pele branca, ou seja, a cor do poder colonial, faltava-lhe os recursos e mesmo certos benefícios e privilégios que uma elite usufruía. Entre os brancos da AOF havia diferenças sociais e que variavam segundo o seu capital social, cultural, econômico e simbólico. O «petit Français» se encontrava numa situação limítrofe. Uma vez longe da metrópole, estes indivíduos se valeram de estratégias e táticas de reprodução social que, não raro, tiveram efeitos inesperados para si mesmos numa sociedade colonial em que as tensões e os conflitos sociais eram frequentes. Outro grupo de leitores do jornal de Maurice Voisin era de africanos «assimilados». Composto por funcionários da administração colonial ou comerciantes urbanos de Dacar e de outras cidades da AOF, este grupo de leitores era heterogêneo e a sua «assimilação» não implicava uma sintonia à linha editorial do jornal.

O jornal *Les Échos d'Afrique noire* se vangloriava de ter um leitorado amplo. No entanto, a condição de leitor na AOF não permitia tamanho alcance como pretendia o chefe da redação do hebdomadário. Crítico mordaz da IV República francesa, o jornalista Maurice Voisin defendia reformas no colonialismo. Para ele, a administração colonial da AOF favorecia um grupo de franceses que não tinham outros interesses na África além de enriquecer rapidamente ou o quanto antes para poder retornar à França. Na sua ótica, o colonialismo favorecia também elites locais. Enfim, considerava a ordem colonial periclitante e seu discurso era reformista por ser conservador.

Apesar de sua ideologia limitar o seu leitorado, o jornal *Les échos d'Afrique noire* buscava ampliar o seu público alvo. Como «hebdomadário da verdade» ou «hebdomadário da fraternidade franco-africana», o jornal visava todos aqueles que acreditavam na verdade (do hebdomadário) e na pressuposta fraternidade franco-africana. No entanto, várias matérias e caricaturas em suas páginas acusavam uma sociedade colonial em dissonância com o lema republicano «liberté, égalité, fraternité».

### Caricaturando os «Levantinios»

Na literatura senegalesa, os levantinos quase não aparecem. Quando há uma referência, ela é breve. Um exemplo é o romance *Kharim* (1952), de Gaye, no qual o herói tem uma dívida com vários credores; entre outros, um comerciante sírio. No campo da literatura africana francófona, nenhuma personagem síria tem o papel protagonista como a figura de Nacib, um comerciante sírio, do romance *Gabriela Cravo e Canela* (1958) do escritor brasileiro Jorge Amado. Tampouco houve no Senegal uma projeção literária de escritores de origem síria ou libanesa como aquela de Salim Miguel na literatura brasileira.

Se havia uma invisibilidade social dos levantinos na literatura nos meados do século XX, a polêmica em torno da presença sírio-libanesa ganhava as páginas de certos jornais da AOF. Em 1950, a população sírio-libanesa na AOF era estimada em torno de 10.000 pessoas. Dez anos depois, ela estava em torno de 17.000 pessoas (Safa, 1960: 119-120).

A acomodação dos interesses de colonos franceses, políticos africanos e comerciantes sírio-libaneses não era nada fácil (Keesse, 2005). O Senegal concentrava quase 2/3 dos levantinos da AOF. A maioria dessa população era cristã maronita e bilíngue (francês e árabe). A atividade econômica predominante era o comércio. A mobilização de redes familiares, notadamente da diáspora sírio-libanesa, foi um recurso que favoreceu o relativo sucesso dos comerciantes levantinos na AOF.

A maior campanha contra os levantinos foi aquela de Maurice Voisin, cujo jornal pretendia ser o porta-voz dos interesses dos «franceses» brancos e negros. Estes viam a ordem colonial ameaçada pela «invasão sírio-libanesa». Desde 1947, Maurice Voisin alertava os leitores do seu jornal contra o «perigo amarelo» (Sautereau, 1954: 2).

As caricaturas do jornal *Echos d'Afrique noire* trataram de vários temas, com destaque para acontecimentos políticos e aspectos da vida cotidiana na AOF. Pelo viés do humor e da sátira, as caricaturas podem ser consideradas como um tipo de crônica social. Elas também serviram para estigmatizar os levantinos.

Uma das primeiras caricaturas contra os levantinos foi da lavra do desenhista parisiense Pedro . Nela, uma vaca de leite representa a AOF e quem lhe tira o leite é um levantino sob o olhar de um africano e de um colono francês (*Echos d'Afrique noire*, 25/06-02/07/1948, N.69). Provavelmente, a charge de Pedro tem correlação com uma matéria publicada no jornal no dia 12 de junho de 1948 e que acusou os sírio-libaneses de «privar de leite as

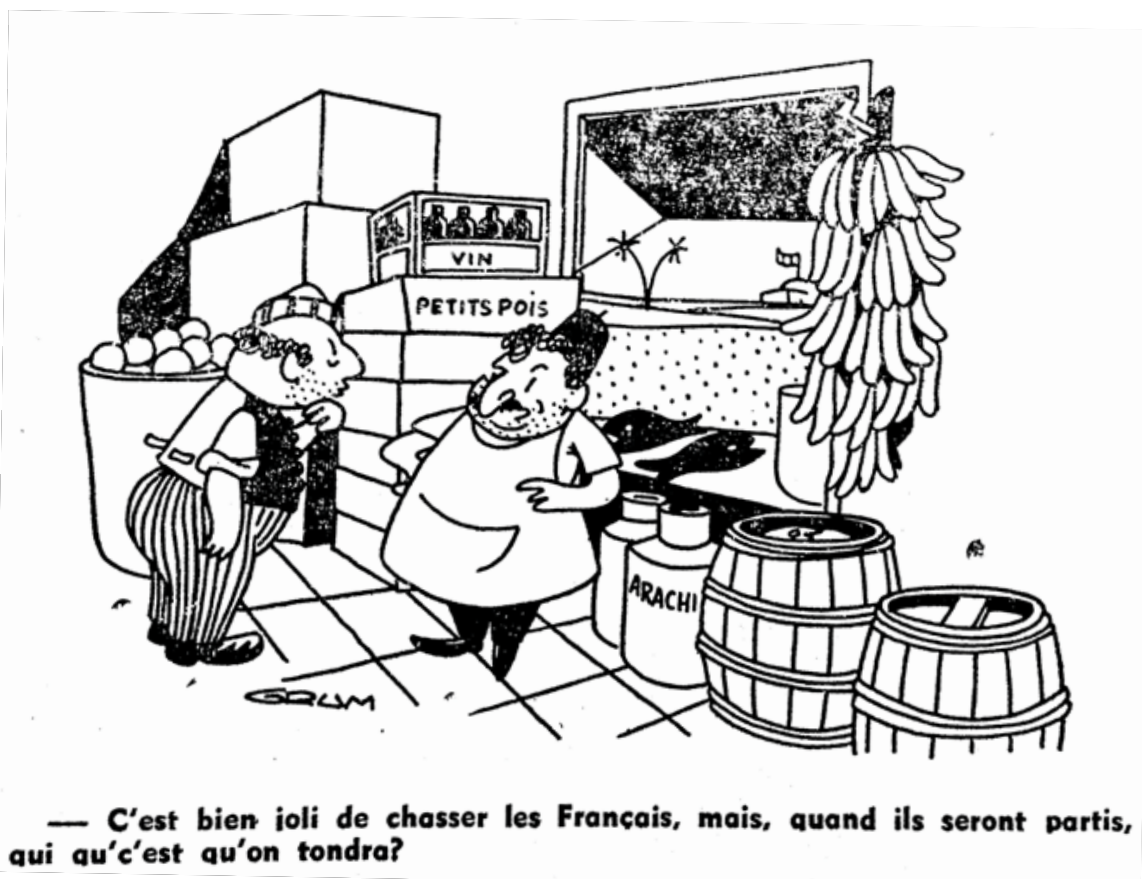
nossas crianças», insinuação explícita a uma suposta estocagem de leite quando ainda vigorava o racionamento de certos alimentos na AOF.

Entre os desenhistas do jornal de Maurice Voisin, os parisienses Grum e Jean tiveram destaque. Grum colaborou para vários jornais franceses, inclusive para o *Canard Enchaîné*. Nada descarta a hipótese de que Grum e Jean visitaram ou viveram algum tempo na AOF. Com um traço facilmente reconhecível, Grum e Jean trataram, igualmente, da presença levantina em Dacar. Grum e Jean colaboraram com dezenas de caricaturas para a campanha contra os levantinos encabeçada pelo redator-chefe do jornal *Les échos de l'Afrique noire*.

Em 1948, Grum ilustrou a campanha do jornal pelo recrutamento de sírio-libaneses (*Les Echos d'Afrique noire*, 13-19/11/1948, N.89). No ano seguinte, uma caricatura de Grum satirizava a eventual mobilização dos «amarelos» para o front em caso de guerra (*Echos d'Afrique noire*, 01-06/07/1950). Escusado é lembrar que a guerra da Indochina estava em curso desde 1946 e que regimentos de *zouaves* e *tirailleurs* do Marrocos, Argélia e Senegal participaram de várias guerras coloniais e sob a bandeira tricolor. Para o caricaturista Grum, os sírio-libaneses deveriam ser recrutados como *zouaves* e *tirailleurs*. Essas imagens satíricas ilustravam as palavras do redator chefe que chegou a publicar na primeira página do jornal uma matéria intitulada «Precisa-se mobilizar os Libaneses e os Sírios».

Em 1949, uma caricatura de Jean foi intitulada «a invasão libanesa» e mostrava uma Marianne sobre a AOF diante da chegada de um libanês. O adventício lhe sugere nomear o cônsul do Líbano para o cargo de Alto Comissário da AOF (*Echos d'Afrique noire*, 6-12/05/1949, N.114). No mesmo ano, um desenho de Grum comparou a ocupação alemã da França àquela libanesa na AOF (*Echos d'Afrique noire*, 13-19/05/1949, N.115). Cabe lembrar que uma matéria no mesmo jornal teria acusado os libaneses de agir como os «boches» durante a ocupação (*Echos d'Afrique noire*, 19-25/03/1949, N.109). No ano seguinte, Grum traçou a desumanização sírio-libanesa ao transformar ambos em serpentes. Na legenda, explicava-se que as duas serpentes entrelaçadas e com cabeça de um sírio e de um libanês era para compensar a falta de uma águia de duas cabeças (*Echos d'Afrique noire*, 10-16/03/1950, N.156).

A imagem desabonadora dos levantinos foi moldada sob diversas formas pelo caricaturista Grum. Ainda em 1950, uma caricatura trata dos «amarelos» como traficantes de amendoim e corruptores de funcionários (*Echos d'Afrique noire*, 10-16/02/1950, N.152). Em 1951, outra charge de Grum mostra dois comerciantes levantinos a se perguntar quem eles poderão enganar, depois dos franceses (*Echos d'Afrique noire*, 28/11-04/12/1951, N.82).



No conjunto da série de caricaturas dos sírio-libaneses, o ato de mercadejar foi naturalizado. Além disso, as práticas ilícitas ou inescrupulosas foram ainda apresentadas como apanágio dos comerciantes levantinos. Mesmo que Maurice Voisin tenha ressaltado em certas ocasiões que a sua campanha era contra os «maus libaneses», nenhuma matéria ou imagem satírica favorável à comunidade sírio-libanesa foi encontrada nas páginas do seu jornal.

Em 1952, uma caricatura de Jean faz do continente africano um queijo nas mãos de um levantino (*Echos d'Afrique noire*, 18-24/02/1952, N.91). Neste mesmo ano, o caricaturista fez uma banda desenhada para, segundo ele, desvelar 20 anos de ação levantina na AOF (*Echos d'Afrique noire*, número especial de Natal, 1952). A história em quadrinhos começa com a chegada de sírio-libaneses ao porto de Dacar e satiriza uma suposta arabização do comércio e da vida social e cultural da AOF. A suposta arabização da AOF já tinha sido alvo de outra imagem satírica publicada no jornal (*Echos d'Afrique noire*, 12-18/03/1949, N.106). Devido à visita do ministro do Ultramar francês, Coste-Floret, a Dacar, Grum aproveitou o ensejo para desenhar o ministro «perdido» entre comerciantes sírios e libaneses. Na legenda, o próprio viajante perguntara-se o que ele viera fazer no Líbano.

Dois anos mais tarde, outra caricatura de Jean trouxe a Marianne com o barrete frígio em genuflexão diante do cônsul libanês (*Echos d'Afrique noire*, 24-30/06/1954). Cabe lembrar que, no final de 1953, o cônsul libanês em Dacar entrou com um processo contra o casal Anne e Maurice Voisin, respectivamente proprietária e redator chefe do jornal *Echos d'Afrique noire*. Em meados de 1954, o casal Voisin foi absolvido pela justiça.





O processo contra o casal Voisin era por difamação contra um grupo de pessoas, ou seja, contra a comunidade sírio-libanesa. No entanto, a defesa logrou demonstrar no tribunal de Dacar que a campanha não era contra a comunidade sírio-libanesa e sim contra aqueles malfeitores. Por isso, a lei não se aplicava ao caso, posto que a campanha não visava nenhum grupo de direito privado (Sautereau, 1954, p.6-7). Uma vez absolvido, Maurice Voisin, com a colaboração de alguns desenhistas, continuou a campanha difamatória.

Ainda em 1954, uma banda desenhada de autoria de Jean foi publicada em alguns números do jornal *Echos d'Afrique noire* e cuja finalidade era simplesmente fazer uma história ilustrada e depreciativa da migração sírio-libanesa na AOF. Sob o título *Les aventures de Fayçal Khombine et de Djémal-Al-Haratt*, as personagens principais dessa história em quadrinhos se envolvem em tráfico, estelionato e outras formas ilícitas de comércio. Cabe ressaltar que, no conjunto de caricaturas de sírios e libaneses publicadas no jornal *Echos d'Afrique noire*, nenhuma exceção foi encontrada com relação a imagem desabonadora construída pelos caricaturistas colaboradores do semanário de Maurice Voisin.

Embora as caricaturas tenham perdido espaço no jornal a partir do seu décimo ano (1956), o apelo ao desenho foi, sem dúvida, uma alternativa para a crônica social diante de um público leitor restrito. A caricatura lograva, talvez, um público maior, pois os analfabetos podiam «ler» os desenhos. Cabe lembrar que a maioria das caricaturas tratava de temas correntes e relativos a matérias do jornal. Desse modo, o caricaturista era um cronista que resumia em seu traço algumas questões candentes no cotidiano colonial.

A caricatura é, por definição, um exagero. Mas ao distorcer a imagem, ela ressalta alguma coisa, facilitando ver o motivo da derrisão. A caricatura não necessariamente deforma para melhor ver. Ela pode deformar algo e assim revelar mais sobre a visão do desenhista sobre um objeto ou sobre um fenômeno do que sobre o próprio objeto ou fenômeno. No caso da presença levantina na AOF, os desenhistas do jornal *Echos d'Afrique noire* revelam muito mais sobre os receios e os preconceitos do leitorado do jornal do que sobre a tal presença estrangeira. O fenômeno da imigração sírio-libanesa foi exagerado pelos traços de desenhistas que estigmatizavam a imagem dos levantinos. O «perigo amarelo» era, outrossim, uma invenção da imprensa periódica e para isso colaboraram alguns desenhistas.

Grum e Jean foram dois desenhistas que não apenas produziram caricaturas desabonadoras em relação aos levantinos. Com seus desenhos, eles procuraram também incitar os africanos a agir contra os «amarelos». Para ficar num exemplo, uma charge de Grum cuja legenda ainda sugere «uma união

dos africanos para os libaneses deixarem de ser malandros» (*Echos d'Afrique noire*, 17-23/03/1957, N.177).

Outro caricaturista, Lens, visou também incitar os africanos para uma ação contra os sírio-libaneses. Inclusive, uma de suas caricaturas se enquadrava no apelo ao ódio racial de Maurice Voisin. Nela, um comerciante africano expulsa um levantino com um pontapé no traseiro (*Echos d'Afrique noire*, 23-30/12/1957, N.320).



Cabe lembrar que uma imagem de um francês dando um pontapé no traseiro de um levantino aparecia na publicidade da Associação de Defesa da África francesa (D.A.F.). Embora a DAF reprovara em sua reunião em 23 de março de 1954 as proposições racistas de Maurice Voisin, então secretário geral da associação, a associação continuou a ter o jornal *Echos d'Afrique noire* como um meio de comunicação para as suas atividades.

Outro caricaturista que também carregou contra os sírio-libaneses foi Dag. Mas as caricaturas de Dag, Lens, Pedro e outros eventuais colaboradores do jornal foram poucas em comparação à quantidade daquelas de autoria de Grum e Jean.

De outros desenhistas que colaboravam com o jornal de M. Voisin, como Jacques Lap e Jean Gellé, não foram encontradas caricaturas alusivas aos sírio-libaneses. Pode-se supor que nem todos os desenhistas colaboradores do jornal se dispuseram a fazer caricaturas sobre o tema da presença sírio-libanesa na AOF. Se fizeram, não foi possível encontrar as eventuais caricaturas pois a pesquisa hemerográfica se limitou à série incompleta do jornal na biblioteca do IFAN em Dacar e a uma pesquisa por amostragem das séries microfilmadas da Biblioteca nacional de França (BnF) em Paris. Cabe ressaltar que os números do jornal *Echos Guinéens* (1946 e 1947) e os últimos do jornal *Echos d'Afrique noire* não foram encontrados nos fundos do IFAN em Dacar. Além da coleção incompleta do IFAN, foram consultados alguns números do acervo do Arquivo Nacional do Senegal.

### Considerações finais

Apesar dos estudos sobre a comunidade sírio-libanesa enquanto grupo minoritário e intermediário na sociedade e na economia coloniais, algumas fontes continuam subvalorizadas pelos historiadores. Para ficar em dois exemplos, menciono as fotografias e as caricaturas. Em relação às últimas, o jornal de Maurice Voisin constitui uma fonte ímpar.

Mesmo que o jornal tenha sido referido em livro recente sobre os sírio-libaneses na AOF (Arsan, 2014), os textos publicados no hebdomadário de Maurice Voisin foram preferidos em detrimento das caricaturas. O impacto visual das caricaturas sobre os leitores não deve, todavia, ser desprezado. Ao contrário, as caricaturas podem ter tido maior importância para a campanha difamatória de Maurice Voisin que os próprios textos. Afinal, o próprio redator chefe do jornal calculava em 100.000 leitores devido à sua ampla circulação no espaço colonial da AOF mas também metropolitano.

Se as matérias do jornal prescindiam da alfabetização dos leitores, as caricaturas dispensavam tal requisito. Apesar do recurso a palavras ou frases, o desenho pode ser compreensível a partir de outras informações e provocar assim mesmo o riso.

As caricaturas como elemento constitutivo da imprensa satírica também contribuíram para a representação visual dos sírio-libaneses na AOF. A imagem do escroque, do comerciante inescrupuloso ou do negociante oportunista era associada a outros estereótipos do tipo físico do sírio ou do libanês. Nessas caricaturas do jornal *Les Echos d'Afrique noire*, o «levantino» tem sempre uma posição duvidosa e, por conseguinte, se encontra numa zona gris, perigosa e

suspeita. As caricaturas corroboravam visualmente o discurso xenófobo do jornal e para o qual o lugar dos «Amarelos» era um lugar marginal, um hiato entre Brancos e Negros.

Imaginar o império e o colonialismo francês não seria possível sem a produção material de uma visualidade vinculada à imprensa ilustrada. Estampas, fotografuras e desenhos contribuíram para ilustrar em papel as colônias, suas paisagens e suas gentes. As caricaturas fazem parte dessa visualidade colonial.

Para pensar a visualidade da sociedade colonial na AOF, as imagens satíricas constituem um elemento importante. Em geral, o seu suporte material foi a imprensa. Destacam-se, entre elas, as caricaturas como elementos fundadores de uma produção imagética dos sírio-libaneses na sociedade colonial da AOF.

### Referências bibliográficas:

- Akpan, Monday B. (2010). A Etiópia e a Libéria, 1914-1935: dois Estados africanos independentes na era colonial. En Boahen, A. A. (Ed.) *História Geral da África*, VII (832-873). Brasília: UNESCO (2.ed. rev.).
- Arsan, Andrew (2014). *Interlopers of Empire The Lebanese Diaspora in Colonial French West Africa*. Oxford: Oxford University Press.
- Bierwirth, Chris (1999). The Lebanese Communities of Côte d'Ivoire, *African Affairs*, (98), 79-99.
- Bierwirth, Chris (1997). The initial establishment of the Lebanese community in Côte d'Ivoire, ca. 1925-45, *The International Journal of African Historical Studies*, 30(2), 325-348.
- Boahen, Albert A. (2010). Política e nacionalismo na África ocidental, 1919-1935. En Boahen, A. A. (Ed.) *História Geral da África*, VII (727-755). Brasília: UNESCO (2.ed. rev.).
- Boumedouha, Said (1987). *The Lebanese in Senegal: A History of the Relationship Between an Immigrant Community and its French and African Rulers* (PhD Thesis), Centre of West Africa Studies, University of Birmingham.
- Charbonneau, R. (1968). Les Libano-Syriens en Afrique noire, *Revue Française d'Etudes Politiques africaines*, (26), 56-71.
- Cruise O'Brien, R. (1975). Lebanese Entrepreneurs in Senegal: Economic integration and politics of protection, *Cahiers d'Etudes africaines*, XV (57), 95-115.

- Desbordes, Jean-Gabriel (1938). *L'immigration libano-syrienne en Afrique Occidentale Française*, Poitiers: Impr. de Renault.
- Goerg, Odile (1997). *Pouvoir colonial, municipalités et espaces urbains. Conakry - Freetown des années 1880 à 1914*, Paris: L'Harmattan.
- Keese, Alexander (2005). Colons français, politiciens africains, et marchands libanais au Sénégal colonial (1945-1958), *Africa / Istituto italiano per l'Africa e l'Oriente*, 60(2), 201-220.
- Khouri, Nicole; Pereira Leite, Joana (2008). Indiens des cinq colonisations de l'Afrique Orientale : mobilités et identités en diaspora de 1870 à nos jours , *Lusotopie* XV(1), 29-210.
- Kojok, Salma (2002). Les Libanais en Côte d'Ivoire. Université de Nantes (thèse de doctorat).
- Labaki, Boutros (1993). L'émigration libanaise en Afrique Occidentale sud-saharienne. *Revue européenne des migrations internationales*, 9(2), 91-112.
- Paillard, Jean (1935). *La fin des Français en Afrique noire*. Paris.
- Pereira Leite, J. (2001) Indo-britanniques et indo-portugais : présence marchande au Sud de Mozambique au moment de l'implantation du système colonial, de la fin du XIX<sup>e</sup> siècle jusqu'aux années 1930. *Outre-Mers Revue d'Histoire*. 1<sup>er</sup> semestre, 13-37.
- Remtulla, Walji Shirin (1974). *A History of the Ismaili Community in Tanzania* (These PhD), University of Wisconsin.
- Safa, Elie (1960) *L'Emmigration libanaise*. Beyrouth: Université Saint-Joseph.
- Sautereau, Jacques (1954). *Plaidoirie pour Anne et Maurice Voisin*. Casablanca: Imprimé.
- Thomassery, Marguerite (1965). Catalogue des périodiques d'Afrique noire franchophone (1858-1962) conservés à l'IFAN. *Catalogues et documents* (19), Université de Dakar/Institut français d'Afrique.
- Winder, R. Bayly (1962). The Lebanese in West Africa, *Comparative Studies in Society and History*, (4), 296-333.